

# O estado da arte da história transnacional: o discurso “corporativista-mítico” como campo de reflexões transnacionais

*The state of art of transnational history: the “corporativist-mythical” discourse as a field of transnational reflections*

**Luiz Mário Ferreira Costa\***

---

## Resumo

A ideia central deste paper é demonstrar como os métodos da história transnacional podem colaborar para uma melhor reflexão acerca da complexidade que envolve o estudo de um tipo de corporativismo, especialmente autoritário, conservador e conduzido por uma liderança mítica.

---

## Palavras-chave:

História transnacional. Corporativismo-mítico. Autoritarismo.

---

## Abstract

The central idea of this paper is to demonstrate how the methods of transnational history can contribute to a better reflection on the complexity involved in the study of a type of corporatism that

---

\* Pós doutorando em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Processo: 2016/09783-6. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP. Professor de História com Mestrado (2009) e Doutorado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Foi bolsista CAPES e pesquisador estagiário no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL). Pesquisador do Grupo de Estudos sobre o Integralismo – GEINT (UFF/CNPq) e da Rede de Investigação Direitas, História e Memória (UEM/CNPq). Desenvolve pesquisas com publicações na área de História Contemporânea nas seguintes temáticas: maçonaria, autoritarismo, intelectuais, mitologias políticas e história transnacional Brasil-Portugal. Autor da tese *Os intelectuais-heróis e as mitologias políticas contemporâneas: a história transnacional da produção intelectual de Alfredo Pimenta, Gustavo Barroso, Plínio Salgado e Rolão Preto*, 2015 e do livro *A antimaçonaria desvendada: conspirações, pactos satânicos e comunismo*. Curitiba: Prismas, 2016.

is specifically authoritarian, conservative and led by a mythical leadership.

---

**Keywords:**

Transnational history. Corporativism-mythical. Authoritarianism.

### *Considerações iniciais*

O objetivo aqui proposto é sistematizar os resultados obtidos com a pesquisa de doutoramento realizada em arquivos brasileiros e portugueses, entre os anos de 2011 e 2015, defendida sob o título *Os intelectuais-heróis e as mitologias políticas contemporâneas: a história transnacional da produção intelectual de Alfredo Pimenta, Gustavo Barroso, Plínio Salgado e Rolão Preto*, 2015. No que tange à especificidade da temática desse *paper*, optamos apenas pela análise da interação ocorrida entre Plínio Salgado e Rolão Preto durante a primeira metade do século XX, circunscrevendo o arrolamento documental à produção literária de viés ideológico corporativista-mítico. Nesta perspectiva, foram elaborados alguns parâmetros de comparação dentro de uma lógica *transnacional*, uma forma de pensar a história que rompeu com o nacionalismo metodológico, para que, pudéssemos analisar um tipo próprio de comportamento carismático.

Neste sentido, a partir de Max Weber, definimos “carisma” como a qualidade extraordinária – de origem mágica, presente desde profetas, sábios, terapeutas e juristas, até chefes dos povos caçadores e guerreiros – de um homem que naturalmente possui forças sobre-humanas e que não pode ser inserido no cotidiano da sociedade. Muitas vezes, essa diferenciação enigmática faz com que os contemporâneos destes homens os vejam como enviados de Deus, a representação real do Chefe supremo. Por isso, o domínio carismático é inabitual e livre de regras que se aplicam aos outros tipos de dominação, não depende necessariamente do passado, da tradição ou sequer do costume. Por outro lado, o carisma é uma *vocação* no sentido enfático do termo, sendo, ao mesmo tempo, missão externa e tarefa interior. Sendo assim, o carisma é a grande potência revolucionária e não está vinculado a qualquer referência técnica, tradição ou estirpe, mas tão só a um prestígio excepcional que é o fundamento mesmo do domínio político. Se o domínio legal é por regra impessoal, e o domínio tradicional se baseia na piedade ou reverência dos dominados, o carisma fundamenta-se sempre em razões de ordem invulgar, ainda que o próprio Weber

tivesse levantado a hipótese de o domínio carismático ter a possibilidade de se perpetuar por legalização ou descendência.<sup>1</sup>

No caso dos líderes Plínio Salgado e Rolão Preto, a forma de dominação parecia se manifestar a partir da confluência do domínio carismático com outras duas formas de legitimidade do poder: o *domínio legal*, de caráter racional, fundado na crença na validade dos regulamentos estabelecidos pela razão e na legitimidade dos chefes designados nos termos da lei, e no *domínio tradicional*, tendo por base a crença na santidade da tradição em vigor e na legitimidade dos que são chamados ao poder em virtude do costume. Além disso, ambos os intelectuais contribuíram para o incremento e a radicalização do pensamento conservador católico na cena política e social de seus respectivos países, cujo eixo definidor seria a capacidade que cada um possuía para fazer seguidores e, assim, direcionar suas ações contra ou a favor de determinados temas de interesse nacional.

Ao mesmo tempo, percebemos que estas narrativas históricas apareciam interconectadas e interdependentes, em que os literatos, cada qual a sua maneira, buscavam uma reaproximação intelectual entre Brasil e Portugal, partindo sempre de uma lógica explicativa comum às duas nações irmãs. Em Plínio Salgado, tratava-se de “despertar o gigante adormecido” e devolvê-lo à sua condição de herdeiro natural da civilização católica luso-brasileira. Por outro lado, em Rolão Preto, tratava-se de retirar Portugal da situação humilhante dentro da Europa, a partir da recuperação moral e cultural da “época dourada das grandes navegações”.

Ambos os intelectuais atuaram em duas frentes doutrinárias, a primeira foi edificar uma construção mitológica que incorporava a maioria das explicações para a condição periférica e a incapacidade de fazer frente às grandes potências mundiais. Nesta perspectiva, os comunistas e todos os outros representantes do pensamento liberal foram alçados à condição de inimigos nacionais, elementos deletérios de uma sociedade que se queria orgânica e tradicional. Já a segunda construção mitológica, representada pela ideia de Salvação, parecia reanimar as forças vivas da nação na concepção de um salvador, um ser iluminado, enviado por Deus, para conduzir brasileiros e portugueses em direção à verdadeira *Inteligência*. Portanto, este *paper*, por um lado, apresentará um balanço ainda que preliminar do “estado da arte” da história transnacional e, por outro, aplicará alguns métodos do viés transnacional, sobretudo na interação da produção político-doutrinária de Plínio Salgado e Rolão Preto durante a primeira metade do século XX.

<sup>1</sup> Cf. WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

## *A história transnacional em perspectiva*

Em que pese ou não a validade de determinadas polêmicas historiográficas, o tema da história transnacional,<sup>2</sup> nos últimos anos, tem se mostrado um terreno profícuo para novas “batalhas” entre os historiadores, especialmente para aqueles que fazem críticas abertas à chamada história comparada. Como sabemos, a comparação sempre foi uma prática recorrente no campo da historiografia. O próprio Marc Bloch reforçou esta noção ao afirmar que comparar significava aproximar duas ou mais realidades, no intuito de determinar as semelhanças e as diferenças entre elas.<sup>3</sup> A comparação seria importante a todo tipo de conhecimento científico e, quando associada à análise histórica, produziria um método de investigação muito eficiente, o “método comparativo.”<sup>4</sup> Segundo Bloch, esta ferramenta metodológica, utilizada pela primeira vez por linguistas e etnógrafos no estudo das civilizações primitivas, deveria ser parte fundamental do método histórico, pois não utilizá-la tornaria inviável a revelação de uma série de fenômenos importantes:<sup>5</sup>

Escolher em um ou vários meios sociais diferentes, dois ou vários fenômenos que parecem, à primeira vista, apresentar certas analogias entre si, descrever curvas da sua evolução, encontrar as semelhanças e as diferenças e, na medida do possível, explicar umas e outras. São portanto necessárias duas condições para que haja, historicamente falando, comparação: uma certa semelhança entre os fatos observados – o que é evidente – e uma certa dissemelhança entre os meios onde tiveram lugar.<sup>6</sup>

Por seu turno, a utilização do termo transnacional teria ocorrido entre os linguistas alemães desde meados do século XIX, embora tenha sido Randolph Bourne quem o propagandeou, em 1916, com a publicação do artigo *Trans-National America*, em que pretendia demonstrar as múltiplas identidades que caracterizavam a sociedade norte-americana. De modo geral, muitos autores se referem às práticas transnacionais como aquelas que transcendem as fronteiras estatais, mas que não surgem necessariamente de agências ou atores estatais, e que podem operar em três âmbitos, o econômico, o político e o cultural. O

<sup>2</sup> Cf. IRIYE, A.; SAUNIER, P. *The Palgrave Dictionary of Transnational History: From the mid-19th century to the present day*. Palgrave Macmillan. UK, 2009.

<sup>3</sup> Cf. BLOCH, Marc. *História e historiadores*. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 111.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 112.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 121.

parâmetro do transnacionalismo se vincula a outros como transmigrantes ou hibridação, conceitos todos que pretendem registrar a importância da itinerância, da circulação, dos intercâmbios ou dos fluxos constantes que se produzem ao longo da história. Um dos seus principais atrativos é a tendência geral de desafiar o *status quo* do Estado, elencando como destaques os grupos sociais ou as instituições que existem, apesar da hegemonia ideológica do Estado-nação.<sup>7</sup>

É importante também salientar que todos os esforços nesse sentido têm colaborado para estimular um movimento muito mais amplo com vista a internacionalizar as ciências sociais. Como demonstrou Stein Rokkan, há várias maneiras de internacionalizar uma ciência, seja através da difusão de documentos, trocas científicas, conferências e congressos, seja através de iniciativas políticas pontuais que, em última instância, procuram intensificar e diversificar as trocas comerciais.<sup>8</sup> Deste modo, a nossa preferência aqui será restabelecer as interações transnacionais (*cross-national*) ocorridas entre literatos brasileiros e portugueses, ainda que muitas vezes elas tenham se manifestado de forma assimétrica e também impessoal. Com isso, progredimos, paralelamente, nas investigações transculturais (*cross-cultural*) e transociais (*cross-societal*).

O historiador Juan Pablo Bohórquez-Montoya sugeriu que o "transnacionalismo" é uma forma de pensar que rompeu com o nacionalismo metodológico.<sup>9</sup> Surgiu e se desenvolveu no âmbito das ciências sociais e em estudos referentes à imigração internacional, e seu potencial explicativo da dinâmica social tem possibilitado uma ampliação dos objetos analisados. Sendo assim, a história transnacional tem abarcado campos de investigação bem diversos como: as relações sociais que ultrapassam as fronteiras, redes e fluxos de pessoas, ideias e informação, diásporas, reprodução de processos culturais em escala global, reconfiguração e expansão do capital a nível mundial e movimentos sociais que se articulam em nível local e global, dentre outros.<sup>10</sup>

Ao tratar da história transnacional do trabalho, Bohórquez-Montoya também ressaltou que uma das maiores deficiências do chamado método transnacional seria sua falta de historicidade. Esta carência não se resolvia recorrendo simplesmente aos inúmeros estudos históricos realizados sobre o desenvolvimento do capitalismo, pois era

<sup>7</sup> MARTYKÁNOVÁ, Darina; PEYROU, Florencia. La historia Transnacional. *Revista Ayer*, Madrid, v. 94, n. 2, p. 13-22, 2014.

<sup>8</sup> ROKKAN, Stein. *Investigação transcultural, transocietal e transnacional*. Lisboa: Editora Bertrand, 1973. p. 11.

<sup>9</sup> BOHÓRQUEZ-MONTOYA, Juan Pablo. Transnacionalismo e história transnacional del trabajo: hacia una síntesis teórica. *Papel político*, Bogotá, v. 14, n.1, p. 273-301, 2009.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 276.

preciso que se desenvolvesse uma concepção própria da história para tentar resolver os problemas deste campo específico de possibilidades. A história transnacional, em nenhuma hipótese, seria uma corrente teórica incontestável. Ao contrário, por ela não possuir uma noção clara de “agenciamento”, muitas vezes tem se mostrado incapaz de elucidar a relação entre sociedade e Estado.<sup>11</sup>

No balanço entre a história comparada e a história transnacional, Sean Purdy sublinhou que as comparações históricas são utilizadas para se fazer generalizações cuidadosas sobre processos correlatos em diferentes unidades.<sup>12</sup> Com isso, é necessário reconstruir cuidadosamente uma visão, mais completa possível, de cada cenário particular, inserindo como resultado as singularidades de cada um. Estudos comparados deveriam esclarecer tanto os pontos convergentes como os divergentes entre as unidades de comparação, enquanto que a história transnacional, devido à própria etimologia da palavra, sugeriria “conexões e interações” para além das simples comparações.<sup>13</sup>

Na verdade, o que tem ocorrido na última década é que vários historiadores passaram a criticar duramente o conceito de “história comparada”, muitos deles influenciados por novas tendências teóricas oriundas das ciências sociais, dos estudos literários, como o “pós-colonialismo”, e dos estudos da “diáspora negra”. Nas palavras de Purdy, o argumento principal da crítica é que o próprio método de comparar duas ou mais unidades, confinadas dentro das fronteiras nacionais, destacando semelhanças e diferenças, impossibilita perceber as interações entre os objetos. Neste sentido, a análise acaba por desconsiderar os processos históricos mais complexos, produtivos e interessantes.<sup>14</sup>

Nomes como Micol Seigel, Michael Werner, Bénédicte Simmermann e Serge Gruzinski são ainda mais críticos e acabam rejeitando por completo o método comparativo. Gruzinski, por exemplo, no livro *História do Novo Mundo*, em coautoria com Carmen Bernand, sugeriu que as Descobertas do Novo Mundo foram o início da ocidentalização do mundo, em que as mais remotas regiões do globo acabaram tendo contato com “modos de vida e pensamentos surgidos na Europa ocidental”. Sua observação ultrapassava os limites da ingênua comparação e demonstrava que a interação entre estes dois mundos superava a lógica de uma mescla de “modernidade com arcaísmo”. Desta

<sup>11</sup> Ibidem, p. 282.

<sup>12</sup> PURDY, Sean. História Comparada e o Desafio da transnacionalidade. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 64-84, 2011.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 67.

<sup>14</sup> Cf. PURDY, op. cit., p. 65.

forma, a descoberta, a conquista e a colonização foram etapas fundadoras da Europa Moderna.<sup>15</sup>

Igualmente, Seigel demonstrou o impacto na história comparada após aquilo que chamou de “virada transnacional” no artigo *Beyond Compare: Comparative Method after the Transnational Turn*, publicado em 2005. Um dos seus objetivos era criticar o suposto caráter neutro do método comparativo, demonstrando suas incoerências e, muitas vezes, o caráter político escondido por trás desses tipos de trabalho. O autor se questionava o porquê da história transnacional, principalmente naquela conjuntura em especial. Sugeriu que não foi a chamada globalização, mas a mobilidade e a resistência gerada pelo colonialismo europeu, interpretado por intelectuais anticoloniais e pós-coloniais que, de fato, impulsionou a história transnacional.<sup>16</sup>

Entre as décadas de 1980 e 1990, o termo “transnacional” tornou-se uma alternativa para o conceito ambíguo de “globalização” e funcionou relativamente bem no entendimento das localizações e das identidades complexas de imigrantes. Já naquela época, o termo era bastante debatido pela literatura antropológica e sociológica, pois também era considerado um conceito repleto de ambiguidades.<sup>17</sup> Alguns historiadores também começaram a utilizar o termo “transnacional” com mais frequência, especialmente para descreverem as várias conexões internacionais. Contudo, somente a partir dos anos 2000 é que se têm debatido seriamente as possibilidades e os problemas da utilização do conceito pela historiografia. Alguns pesquisadores apontam que o surgimento da história transnacional é resultante de novos e complexos problemas trazidos com a globalização. Esta situação foi problematizada em um artigo no *New York Times*, em 6 setembro de 2006, por Janny Scott, no qual destacou que, desde os atentados terroristas contra os Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001, muitos historiadores norte-americanos iniciaram um movimento de ampliação de suas análises históricas.<sup>18</sup>

Desde o atentado ao *World Trade Center*, a história americana deixou de ser vista sob a ótica da história do Estado-nacional e passou a ser estudada num viés mais ampliado e num contexto global. Neste

<sup>15</sup> Cf. BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550)*. Tradução de Cristina Murachco. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 16.

<sup>16</sup> Cf. SEIGEL, Micol. *Beyond Compare: Comparative Method after the Transnational Turn*. *Radical History Review*, New York, v. 91, Winter 2005. p. 63.

<sup>17</sup> PURDY, op. cit., p. 68.

<sup>18</sup> Cf. SCOTT, Janny. 9/11 Leaves Its Mark on History Classes. *The New York Times*, 6 Sept. 2006. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2006/09/06/nyregion/06history.html>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

sentido, novas atenções têm sido direcionadas a temas como a ideia dos Estados Unidos como um império, a turbulenta e problemática história das liberdades civis no país e, principalmente, proliferou-se um grande interesse pela história do terrorismo, pela história dos muçulmanos nos Estados Unidos, de conflitos e de intercâmbios culturais internacionais. O texto de Scott declarava que, diante disso, a história da política externa norte-americana estava sendo repensada e que a já antiga tese de excepcionalidade dos EUA não caberia mais no contexto político atual.<sup>19</sup>

De fato, aconteceu recentemente um *upgrade* com a utilização do termo transnacional, mas é inegável, como já foi dito, que a sua utilização, por historiadores, tem raízes muito mais profundas. Principalmente, se considerarmos, assim como fez Robin Kelley, que já existia uma sensibilidade muito rica entre os historiadores que trabalhavam com a diáspora negra em fins do século XIX e início do século XX.<sup>20</sup> Por sua vez, a tradição marxista, desde o início, sempre declarou certo interesse pelas “interconexões e conversações extra-nacionais na sociedade capitalista”. Um bom exemplo seriam as experiências de vida de Marx, Engels, Luxemburgo, Lênin, Trotsky, Gramsci e E.P.Thompson, dentre outros, todos eles verdadeiros “testemunhos à transnacionalidade”. Temas como a expansão do capital pelo mundo, tratado por Marx, o desenvolvimento combinado e desigual, elaborado por Trotsky, e mesmo a formação da classe operária, de autoria de Thompson, são alguns indícios dessa prática. Recentemente existem vários autores confessadamente marxistas, como Perry Anderson, Sidney Mintz, Eric Wolf, Bryan Palmer, Mike Davis, Peter Linebaugh e Marcus Rediker, que também manifestam uma atenção cuidadosa às variadas conversações transnacionais.<sup>21</sup>

Assim como a tradição marxista, outras correntes intelectuais no início do século XX sinalizavam também a uma prática investigativa transnacional, como a “Borderlands”, de Frederick Jackson Turner, a “História dos Impérios”, de Walter Webb Prescott e a “História Atlântica”, de Charles Maclean Andrew. De modo geral, tais análises materialistas dos amplos desenvolvimentos econômicos e socioculturais, regionais e continentais foram continuadas nos estudos de historiadores como Philip Curtin, sobre escravidão e expansão europeia; Luis Felipe de Alencastro, sobre Brasil, Europa e África, e Daniel T. Rodgers, sobre a construção de políticas sociais no Atlântico Norte.<sup>22</sup>

<sup>19</sup> Ibidem.

<sup>20</sup> Cf. PURDY, op. cit., p. 68.

<sup>21</sup> Cf. PURDY, op. cit., p. 69-70.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 70.



No contexto das batalhas contra o colonialismo e contra a exploração do chamado "Terceiro Mundo", logo após a Segunda Guerra Mundial, especialistas, como Franz Fanon, atuaram simultaneamente como militantes – em luta declarada contra os princípios do colonialismo – e como teóricos da relação interdependente estabelecida entre os homens, da metrópole ou da colônia, sejam eles brancos ou negros. Diante disso, surgia a necessidade de unir, num mesmo campo analítico, estas duas realidades históricas, metrópole e colônia. Nesta lógica, o "pós-colonialismo" surgiu como variante desse anticolonialismo, a partir dos trabalhos de marxistas durante a década de 1970. Mas foram os trabalhos de Edward Said em torno do conceito de "Orientalismo", visto como uma forma de "geografia imaginativa" criada pelos europeus, que tiveram peso determinante, especialmente sobre a "invenção do outro", dentro de uma visão de história globalizante.<sup>23</sup>

De modo semelhante, as teorias pós-modernas e pós-coloniais, produzidas pelos pensadores franceses como Michel Foucault, Jacques Derrida, Roland Barthes e Jacques Lacan também tiveram grande influência no amadurecimento da história transnacional. Tais teorias, surgidas com o fracasso dos movimentos socialistas no período pós-1968, acabariam por inaugurar teses importantes como fluidez, discursividade do poder e subjetividade. Nesta perspectiva, o "poder" deixou de ser exclusividade do Estado-nação e passou a ser entendido como uma força descentralizada e fragmentada, que se espriava e ultrapassava inúmeras barreiras geográficas.<sup>24</sup>

Em suma, em posse de variadas influências pós-modernistas, pós-colonialistas, estudos sobre o fenômeno da globalização, análises de *Borderlands* nas Américas, novos estudos acerca da diáspora negra e a *Historie Croisée* francesa, a chamada historiografia transnacional tem produzido, nas primeiras décadas do século XXI, um número cada vez maior de trabalhos. Outro grande incentivo para este tipo de análise surgiu com os historiadores das relações entre Estados Unidos e América Latina. Na visão de Barbara Weinstein, a virada transnacional proporcionou algo, até então, inédito entre os historiadores norte-americanos, pois demonstrou que era preciso que tivessem mais atenção à produção de conhecimento na América Latina.<sup>25</sup> Diferentemente da história internacional que se praticava nas universidades dos EUA, cujo

<sup>23</sup> Ibidem, p. 71-72.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 71.

<sup>25</sup> WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, São Paulo, n. 14, p. 13-29, jan/jun. 2013. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/download/2331/2063>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

enfoque central era a interação entre as nações, as pesquisas transnacionais têm enfatizado questões em que os países não são as principais arenas de interação ou conflito. Desta maneira, a autora afirmou que o “modelo” transnacional não pretenderia acabar com a história comparada e com a história nacional, mas complicá-las, incorporando novas formas de abordar as “interconexões” adentre os objetos em foco.<sup>26</sup>

Conseqüentemente, a nossa preferência pelos métodos oriundos da história transnacional para a análise de um “tipo” de comportamento corporativista-mítico, acentuadamente conservador, compartilhado por intelectuais brasileiros e portugueses, deve-se a duas razões basilares. A primeira se refere à necessidade urgente de se ampliar o estudo da literatura autoritária e partidária da direita, amplamente produzida e circulada livremente entre os dois lados do Atlântico na primeira metade do século XX, rompendo, assim, com a incrível resistência que alguns pesquisadores manifestam por este tipo de fonte histórica. A segunda razão, não menos importante, refere-se ao nosso objetivo declarado de ampliação do foco analítico do historiador, para que, com isso, possamos superar a proeminência do discurso racional dentro da narrativa política e inserir, pela via da interação e trânsito teórico, as chamadas categorias “secretas” do imaginário político, material que se encontra permeado de conteúdo passional e que, ao mesmo tempo, alimentou um projeto de Estado corporativista de características híbridas e, fundamentalmente, luso-brasileiras.

### *Lideranças corporativistas e míticas luso-brasileiras: relações transnacionais entre Plínio Salgado e Rolão Preto*

Não destruímos a pessoa, como o comunismo; nem a oprimimos, como na liberal-democracia; dignificamo-la. Queremos o operário, com garantia de salários, adequados as suas necessidades, interessando-se nos lucros conforme seu esforço e capacidade [...]

Acabados os partidos, os regionalismos; organizada a Nação, participando os trabalhadores no governo, pelos seus representantes legítimos; exercida a fiscalização pelo Estado Integralista, sôbre todas as actividades produtoras [...]<sup>27</sup>

O Estado é protetor e juiz.

Quando uma “classe” necessária ao bem da nação periga na sua estabilidade, o Estado deve intervir para impedir a sua derrocada.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>27</sup> SALGADO, Plínio. *O integralismo perante a nação*. Lisboa: Oficina Grafica Limitada, 1946, p. 46.

O Estado nacional-sindicalista é um Estado de trabalhadores, inimigo portanto de todos os parasitas. Enquanto para os primeiros será protector, para os outros será juiz inexorável.<sup>28</sup>

A certa altura, o corporativismo foi considerado morto, pois era entendido apenas como resultado imediato e reorganização das forças políticas e econômicas durante o entreguerras, reflexo de um ambiente de crescente oposição aos ideais da liberal-democracia. Contudo, como bem salientou Howard Wiarda, este modelo ressurgiu ou foi redescoberto em inúmeras nações modernizadoras como o Brasil, México, Chile, Peru, Indonésia, Tanzânia, Iugoslávia, dentre outras. O corporativismo não seria apenas uma “cortina de fumaça”, mas um meio complexo e bastante racional de reorganização das forças produtivas e políticas das nações, ao mesmo tempo que integrava e cooptava os novos grupos sociais.<sup>29</sup>

Segundo Wiarda, o contexto corporativista, assim como o próprio modelo corporativo, estaria extrapolando a área de ampla utilização – a América Latina e a Península Ibérica – para exercer influência em outras regiões do mundo. Esta situação talvez indicasse que o fluxo de ideias no campo das ciências sociais, que historicamente partia do noroeste europeu e dos Estados Unidos para o resto do ocidente, começasse a se inverter. Além disso, novas formas de vinculação entre o corporativismo e o capitalismo ou entre o corporativismo e a organização burocrática em larga escala têm demonstrado que este pode ser um modelo político-organizacional para o Estado moderno centralizado e administrativo, seja ele de viés capitalista ou socialista. Assim, o corporativismo não pode ser limitado às nações católicas ou mediterrâneas, ainda que possua raízes fortemente arraigadas nessas regiões. Sua presença pode ser verificada em países industriais e avançados, como seria o caso dos Estados Unidos, que, a despeito de suas características liberal-democratas, poderiam estar praticando uma forma disfarçada de corporativismo.<sup>30</sup>

A perspectiva de Wiarda suscitou a abertura de um amplo e polêmico debate em torno do corporativismo, no qual defendeu que as políticas ibéricas e latino-americanas deveriam ser analisadas em termos próprios, fora dos modelos teóricos etnocêntricos, e o corporativismo seria a chave fundamental para se realizar esta investigação. O corporativismo representaria, para a Península Ibérica e a América Latina, o que o liberalismo foi para o mundo anglo-americano. Os argumentos provocadores do autor demonstravam ainda que o enfoque corporativista

<sup>28</sup> PRETO, Rolão. *Nacional Sindicalismo*. 2 ed. Lisboa: UP, 1925. p. 10.

<sup>29</sup> WIARDA, Howard. *O modelo corporativo na América Latina e a latino-americanização dos Estados Unidos*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 7.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 8.

seria uma alternativa à teoria liberal do desenvolvimento e também à literatura marxista e a suas reflexões sobre a dependência.<sup>31</sup>

O corporativismo, visto também como parte orgânica de movimentos de ultradireita, sobretudo em Portugal, com o Integralismo Lusitano e o Nacional Sindicalismo, e, no Brasil, com a Ação Integralista Brasileira, naturalmente extrapolaria as fronteiras nacionais do fascismo e seria capaz de assumir fórmulas diferenciadas, ao incorporar preceitos sindicalistas ao burocrático-autoritários sob a égide de líderes míticos, em terras luso-brasileiras. Não por acaso, atualmente percebemos que, nos meios acadêmicos de ambos os países, têm se consolidado a noção de que determinadas instituições corporativistas, discursos políticos e projetos culturais deveriam ser compreendidos sob o viés da transnacionalidade. Neste sentido, os corporativismos voltaram a ocupar um lugar privilegiado nas preferências de muitos historiadores.<sup>32</sup>

Por esta razão, o modelo transnacional, entendido genericamente como o conjunto de conhecimentos que se propõe elucidar, interpretar ou explicar fenômenos ou acontecimento sem duas ou mais realidades, que possam servir de base de comparação, será o norte desta análise. Assim, pretende-se demarcar os pontos de contatos e/ou áreas de interseção de alguns dos modelos corporativos e antiliberais de Brasil e Portugal, durante a primeira metade do século XX. Dito de outra maneira, os métodos da história transnacional serão utilizados no decorrer deste *paper* para sinalizar o trânsito de ideias e teorias que se estabeleceu entre Plínio Salgado e Rolão Preto, respectivamente líderes da Ação Integralista Brasileira e do Nacional Sindicalismo, no contexto em que Brasil e Portugal serviam de palco para experiências políticas autoritárias.

Embora os contatos pessoais entre estes dois personagens tenham ocorrido de forma bastante limitada, devido, principalmente, ao exílio de Rolão Preto durante o governo salazarista, é inegável o fato de que algumas de suas obras políticas e doutrinárias pareciam interagir, sem grandes dificuldades, e, em determinados momentos, poderiam até mesmo estabelecer um diálogo aberto, complementando-se mutuamente. Antes, porém, é importante ressaltar que Plínio Salgado já demonstrava grande admiração pelo corporativismo tradicional e espiritualista do IL, em que o próprio Rolão Preto foi uma das principais lideranças.

A contribuição do intelectual português foi no sentido de elaborar um modelo de Estado organizado segundo o princípio do “Sindicalismo Orgânico”, um tipo de modelo ideal, incorporado por um Estado

<sup>31</sup> Ibidem, p. 9.

<sup>32</sup> Cf. PINTO, António; MARTINHO, Francisco. *A onda corporativa: corporativismos e ditaduras na Europa e América Latina*. São Paulo: FGV, 2016.

de cunho autoritário e conservador e que seria conduzido por uma liderança mítica. Na opinião de Plínio Salgado, tanto a AIB quanto o IL propunham uma profunda revolução espiritual do Estado-nação, e entendia que ambos estavam sustentados por um mesmo segmento do catolicismo conservador. Entretanto, na opinião de António Costa Pinto, é necessário reconhecer que as orientações da Igreja Católica, através das Bulas de Leão XIII e Pio XI, foram muito mais marcantes na elite da AIB, a começar pelo próprio Plínio Salgado, do que no N/S de Rolão Preto, cuja elite era mais secularizada.<sup>33</sup>

Como qualquer outro movimento de caráter mitológico — em que prevalecia a preocupação em recriar suas origens a partir do marco zero, e que pode ser sintetizado através do modelo criado por Mircea Eliade denominado de o “mito do eterno retorno”<sup>34</sup> — a AIB também pretendia ser vista como um projeto original. Por isso, Plínio Salgado tentava disfarçar as influências portuguesas, francesas e italianas, ao mesmo tempo, que enfatizava a sua vocação pessoal e clarividência na criação de seu próprio movimento mitológico no Brasil. Logicamente, a motivação para o “esquecimento” era demonstrar aos seus seguidores que o integralismo significava uma reação política, social e moral, genuinamente brasileira.

Ainda assim, nomes de ideólogos portugueses como António Sardinha, Rolão Preto, João Ameal e Hipólito Raposo jamais poderiam ficar de fora de uma hipotética lista de “leituras” de Plínio Salgado. Não por acaso, Héglio Trindade tentou relativizar o peso ideológico da *Action Française* e, principalmente do fascismo italiano, sobre o líder brasileiro, ao enfatizar que as verdadeiras convicções de Plínio Salgado assentavam-se na crença de pertencimento e continuidade com um modelo civilizacional luso brasileiro, de forte tradição católica e conservador. Além disso, as defesas de valores como a autonomia municipal, o corporativismo tradicional e a proeminência do Espírito comprovariam a transitoriedade destas ideias nos dois lados do Atlântico.<sup>35</sup>

No que se refere, especificamente, à interação entre Plínio Salgado e Rolão Preto, identificamos nesta análise transnacional a existência de um *pactum* no campo do imaginário político. Assim, se, por um lado, Plínio Salgado pretendia despertar o “gigante adormecido” que se encontrava inerte diante da concepção materialista do mundo, com o Brasil monopolizado por dois poderosos grupos, a “burguesia urbana”

<sup>33</sup> PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis: ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal – 1914-1945*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. p. 144.

<sup>34</sup> ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2010.

<sup>35</sup> TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. São Paulo: Difel; Rio Grande do Sul: UFRGS, 1974. p. 262-263.

— composta por empresários, banqueiros e intelectuais corrompidos — e a “elite agrária”, ilustrada pela figura do caudilho e do grande proprietário rural,<sup>36</sup> de forma bastante semelhante, Rolão Preto entendia que Portugal deveria recuperar as “glórias do passado” e, com isso, ultrapassar as barreiras impostas pelo “Estado liberal-democrata”. A sua única alternativa, deste modo, é a implantação do Estado Corporativista, modelo capaz de orientar uma vasta gama de interesses do país e fazer frente ao egoísmo dos homens de poder.<sup>37</sup>

Como pressuposto, as proximidades ideológicas entre os intelectuais se refletiram nos movimentos congêneres que cada qual dirigiu em seus países, o que revelava uma visão de mundo semelhante e uma base teórica compartilhada. Sendo assim, dentre todos os mestres que compunham os alicerces da AIB e do N/S, podemos ressaltar os ensinamentos de São Tomás de Aquino como a pedra filosofal para ambos. Embora este fosse ocultado, nominalmente, em diversas passagens, nos dois casos a orientação tomista, especialmente acerca da noção de civilização e valorização da pessoa humana, foi apropriada e propagada como esteio absoluto nas obras de Plínio Salgado e Rolão Preto.

De Plínio Salgado, o livro *A quarta humanidade*, cuja primeira edição data de 1934, pode ser considerado uma espécie de obra fundamental, que melhor adaptou o pensamento tomista aos interesses da AIB. No prefácio à segunda edição, o autor expressou suas expectativas com relação ao efeito que desejava produzir com o lançamento da obra:

Possam um dia as gerações sul-americanas, construindo a Civilização do Espírito, ver neste livro uma humilde centelha na treva da Civilização Materialista, anunciando os tempos felizes. Possam elas compreender nossos sofrimentos neste período cruel de transição, em que assistimos ao Crepúsculo da Cidade dos Homens Brutais, anteendo a aurora dos Homens espirituais. E possa a América Latina ser a Nova Atlântida onde terá início a Quarta Humanidade!<sup>38</sup>

De modo geral, a linguagem erudita utilizada no texto indica-nos que ele poderia ser destinado à formação da elite dirigente integralista, em discrepância ao simplismo pedagógico que orientava as obras direcionadas à doutrinação ideológica das bases do movimento. Nesse sentido, percebemos a envergadura da “mudança social” almejada por Plínio Salgado, o qual afirmava que a civilização monoteísta, criada

<sup>36</sup> ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e revolução: o integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 50-51.

<sup>37</sup> PRETO, Rolão. *Para além do comunismo*. Coimbra: Junta Escolar de Coimbra do Integralismo Lusitano. 1932. p. 87.

<sup>38</sup> SALGADO, Plínio. A quarta humanidade. In: *Obras completas*. v. 5. São Paulo: Américas, 1955. p. 11-12.

pelos hebreus, foi uma das principais realizações da humanidade, pois preconizava um Universo Total e integral, com o Deus criador em comunhão com suas criaturas.<sup>39</sup> Não por acaso, a ideia mestra contida na obra fosse a de se “fundar” uma nova sociedade, elaborada a partir de uma cultura política espiritualista e orgânica, respaldada por um Estado forte e cristão. Plínio Salgado propunha que a concepção do Estado e da sociedade estaria ligada à concepção do próprio universo. Desta maneira, a noção de uma “Ordem suprema” deveria suprimir todas as vontades individuais em prol de um “bem” maior, a unidade do Brasil. Para tanto, seria necessária a criação de uma “sociedade integral” homogeneizada e, conseqüentemente, a supressão de todas as diferenças de classe, raça ou cor. Ainda segundo o autor, aquele período era o começo de uma “Grande Era Humana”, que, de alguma forma, ligava-se a um período “crepuscular de formação dos primeiros núcleos sociais antecipadores das primeiras nacionalidades”.<sup>40</sup>

Por sua vez, em Rolão Preto, o pensamento tomista manifestou-se de modo mais imediato e pragmático, sobretudo quando percebemos o apertar do cerco sobre a sua família política. Por exemplo, no ano de 1920, com a prisão de Hipólito Raposo, Rolão Preto tornou-se o diretor de *A Monarquia*, onde tentou imprimir seu próprio estilo.<sup>41</sup> Nesta época, o intelectual incorporou aquilo que ele mesmo chamava de a “mística” dos grandes líderes, um tipo de inteligência superior, a qual somente alguns poucos homens poderiam compreender e fazer uso desta “poderosa energia”. Sua estratégia de ação poderia ser dividida em dois momentos. Primeiro, através da contrarrevolução monárquica, representada pelo Integralismo, e, um pouco mais tarde, através da intervenção de tipo fascista, conduzida pelo Nacional-Sindicalismo.<sup>42</sup>

Contra êsse clima reagiu, naturalmente, o sentimento da dignidade humana, humilhada, das gerações novas, procurando a posição que garanta os direitos de homens livres.

Em Portugal, a reação contra os erros liberais-democratas no seu aspecto político, chama-se Integralismo-Lusitano, e a reação contra êsses mesmos erros no seu aspecto económico-social deu origem ao Movimento Nacional-Sindicalista.<sup>43</sup>

Na análise de Pinto, esta viragem sindicalista não faria do intelectual um adepto do progresso tecnológico e da modernização

<sup>39</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 34.

<sup>40</sup> SALGADO, op.cit., p. 17-18.

<sup>41</sup> PINTO, op. cit., 1994, p. 40.

<sup>42</sup> Ibidem, p. 41.

<sup>43</sup> BARBOSA, J.P. Machado. *Para além da Revolução... A Revolução*. Entrevista com Rolão Preto. Porto: Tip. Aliança, 1940. p. 20.

como outros fascistas. Pelo contrário, ao longo de toda a sua vida, Rolão Preto sempre se manteve no campo de uma estratégia preventiva tradicionalista. A marca tradicionalista nunca desapareceu da sua propaganda e de sua ação política, ainda que sob uma nova roupagem revolucionária assumida na década de 1930.<sup>44</sup> Por outro lado, à medida que a participação dos militares se ampliava na vida pública portuguesa, Rolão Preto mostrava-se cada vez mais disposto a fundar núcleos integralistas dentro das Forças Armadas.

Além disso, se defrontarmos o “Manifesto de Outubro de 1932”, de Plínio Salgado, com o “Manual do Sindicalismo orgânico”, de Rolão Preto, podemos perceber também uma interessante complementaridade entre os dois documentos, a começar pela negação que ambos faziam da “existência isolada da classe”, que resultava no enfraquecimento social do Estado. Em Plínio Salgado, lia-se:

A Nação Brasileira deve ser organizada, uma, indivisível, forte, poderosa, rica, prospera e feliz. Para isso precisamos de que todos os brasileiros estejam unidos. Mas o Brasil não pode realizar a união íntima e perfeita de seus filhos enquanto existirem Estados dentro do Estado, partidos políticos fraccionando a nação classes lutando contra classes... Por isso, a Nação precisa de organizar-se em classes profissionais. Cada brasileiro se inscreverá na sua classe. Essas classes elegem, cada um per si, seus representantes nas Câmaras Municipais, nos Congressos Provinciais e nos Congressos Gerais.<sup>45</sup>

Por sua vez, Rolão Preto acusava que o Estado Liberal havia dissolvido as corporações e os grêmios de ofícios, instituições herdadas da Idade Média, para impor uma organização social baseada no indivíduo. Sendo assim, afirmava que:

Negamos a dissolução dos elementos de Produção Nacional, isto é, negamos a existência isolada das classes, artifício que põe em litígio os componentes necessários dum mesmo todo... Negamos a solidariedade do proletariado do universal por cima e contra as fronteiras sagradas das nações.<sup>46</sup>

Plínio Salgado defendia o princípio da “organização sindical” da economia dentro de um regime político cristão, no qual os sindicatos teriam a responsabilidade de proporcionar às classes os meios fundamentais “à satisfação dos seus legítimos interesses materiais, culturais, morais e espirituais”.<sup>47</sup> Do mesmo modo, Rolão Preto via a função de seu “sindicalismo orgânico” enquanto garantidor da “assistência” ao operário. Em caso de maternidade, doenças, invalidez,

<sup>44</sup> PINTO, op. cit., 1994, p. 41.

<sup>45</sup> SALGADO, Plínio. *O integralismo perante a nação*. Lisboa: Oficina Gráfica, 1946. p. 16.

<sup>46</sup> PRETO, Rolão. *Balizas: manual do sindicalismo orgânico*. Lisboa: UP, 1920. p. 29.

<sup>47</sup> SALGADO, op.cit., 1946, p. 34.



velhice, dentre outras situações, caberia ao sindicato, em comum acordo com o Estado, prover os trabalhadores.<sup>48</sup>

A base dos argumentos de Plínio Salgado sempre esteve assentada sobre a noção de intuição, que era vista como a mais importante fonte do conhecimento. O intelectual acreditava que a verdade poderia ser atingida por meio do exercício da meditação racional, na qual o homem seria o principal foco. Segundo ele, todos os homens possuíam uma missão a realizar na Terra. Por isso, seria necessário o advento de um guia para conduzi-los à consciência de suas finalidades na vida da sociedade. Assim, podemos perceber que as expressões como revolução espiritual, revolução interior, revolução das ideias e o nascimento do novo homem sempre ocuparam um papel de destaque nos escritos doutrinários do intelectual:<sup>49</sup>

Afirmei que o Homem pode interferir no curso da História: eu próprio fui realizar êsse pensamento e operei a transformação da “idéia” em “fato”. Suscitei novas circunstancias na vida brasileira. Contrariei as leis do chamado materialismo histórico e do determinismo científico.

Contra a opinião de todos os “entendidos” em “realidades brasileiras”, contra os maus augúrios de todos os indivíduos chamados “práticos”, contra a literatura de todos os teorizadores indígenas e o bom-senso experimentalista dos nossos homens públicos, efetivei a minha intervenção no meio social dêste país e demonstrei, não com palavras, mas com “ação”, o acêrto do pensamento central dêste livro: - a “idéia-fôrça” pode interferir no fato histórico.<sup>50</sup>

Plínio Salgado reabilitou ideias mitológicas seculares para realizar a defesa da civilização católica e da cultura brasileira. Estes preceitos poderiam ser basicamente explicados através da intervenção do espírito na realidade com o “proposito de re-estabelecer, de re-por equilíbrios sociais”.<sup>51</sup> O intelectual acreditava numa concepção dual do mundo: de um lado o espiritualismo e de outro o materialismo. Declarava que todas as revoluções que aconteceram antes do nascimento da AIB não passariam de capítulos de uma grande revolução que ainda estava por vir. Esta grande revolução sempre esteve presente em todas as épocas da história. Ela correspondia a um fenômeno espiritual, que possuía interferência direta na marcha material da civilização.<sup>52</sup>

<sup>48</sup> PRETO, op. cit., 1920, p. 27.

<sup>49</sup> CHASIN, José, *O integralismo de Plínio Salgado*: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio. São Paulo: Livraria Editora Ciências humanas. 1978. p. 494.

<sup>50</sup> SALGADO, Plínio. *Psicologia da Revolução*. In: *Obras completas*. 2 ed. v. 7. São Paulo: Américas. 1956, p. 13-14.

<sup>51</sup> CHASIN, op.cit., p. 495.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 496.

Em outras palavras, com um discurso que empregava elementos da narrativa salvacionista e messiânica, o intelectual se transformou num dos mais importantes líderes políticos da primeira metade do século XX. A doutrina de Plínio Salgado estava fundamentada na moral cristã e num alto senso nacionalista, ambos os sentimentos experimentados pela primeira vez em casa. Em vários momentos, reforçava este aspecto em relatos que fazia de si mesmo. Além disso, descrevia sua família como um bom lar para se viver, com bases morais e cívicas superiores. Com isso, declarava que as concepções parciais do homem feriam a sua verdadeira dignidade enquanto pessoa. Diante disso, o intelectual encarnava o espírito do novo homem, do homem integral, o único capaz de realizar a construção de uma grande nação cristã.<sup>53</sup>

Por seu turno, a estratégia adotada por Rolão Preto para se tornar um líder carismático foi criar uma narrativa política em que afirmava que a realidade só poderia ser alterada através da manifestação daquilo que definiu como a “Mística”.<sup>54</sup> Assim, como o fenômeno do ressurgimento da “Inteligência”, este ideal também era uma construção mitológica. Porém, sua manifestação no mundo real seria muito limitada e somente aconteceria quando fosse incorporada por um ser de grande virtude e moral. Em conformidade com as ideias defendidas por Plínio Salgado, o intelectual também se via como um dos “escolhidos” a encarná-la. Por isso, lançava-se na cena política portuguesa dos anos de 1930 como o único líder capaz de transformar a energia da “Mística” numa verdadeira força revolucionária.<sup>55</sup> Dizia que renegar este poder surpreendente era deixar de enxergar a lógica política dos novos tempos, que colocavam em conflito, por exemplo, “espanhóis de Aragão contra espanhóis de Aragão, ou castelhanos contra castelhanos...”,<sup>56</sup> uma luta entre duas místicas, que têm se comportado como o motor do conflito entre falangistas e comunistas. Para Rolão Preto, ambos eram sinceros na luta que sustentavam, ambos estavam crédulos na verdade por trás da bandeira que levantavam, e, conseqüentemente, matar ou morrer se transformava em destino certo.

Assim, quando, para somente relembrar este facto passado no cerco de Madrid, entre outros talvez idênticos, se avança à conquista das poderosas linhas adversas, em formações compactas, durante um, dois, três dias, tendo

<sup>53</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português*. 668f. 2012. Tese (Doutorado em História)—Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 12.

<sup>54</sup> PRETO, Rolão. *Para além do comunismo*. Coimbra: Junta Escolar de Coimbra do Integralismo Lusitano, 1932. p. 184.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 193.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 210.

pela frente parapeitos de cimento armado, que vomitam metralha com tal intensidade que é mister substituir, de tempos a tempos, os canos rubros das metralhadoras – quando se mostra, dessa forma um tão impávido desprezo pela vida, é porque alguma coisa existe de superior a ela, algum anseio irreflectido, mas prodigioso e, em bôa imparcialidade, digno de admiração. Eis a Mística, florescendo...<sup>57</sup>

Em suma, o comportamento político de Plínio Salgado e Rolão Preto estava profundamente marcado pelo pensamento nacionalista latino associado à mitologia imperial e civilizacional dos povos herdeiros de Roma. A guerra, aliás, confirmaria, em Plínio Salgado e, principalmente, em Rolão Preto, a falência definitiva da ideologia liberal, do pacifismo e do desastre da II Internacional. Neste sentido, o conflito foi a comprovação empírica que somente o nacionalismo poderia moralizar e reorganizar a nova ordem mundial.

Portanto, para ambos os intelectuais, seria necessário demonstrar às classes operárias que elas eram parte “orgânica” do novo modelo de Estado que se queria “implantar”, e que os laços de união à Terra eram infinitamente mais sólidos do que as especulações da metafísica de Marx. Assim, a percepção e apreensão do Estado Moderno, em muitas obras de Plínio Salgado e Rolão Preto, seguiam um padrão de linguagem de tipo mitológico, em que o nacionalismo era visto como o legítimo estado de espírito de um povo, a verdadeira dignidade humana. Somente este amor exacerbado pela nação poderia ser tomado como “doutrina social”, capaz de limitar o instinto egoísta do homem. Deste modo, o indivíduo não deveria ser visto como o fim da organização social, mas sim como função da nação.

### *Considerações Finais:*

O trânsito intelectual entre os dois líderes ficaria ainda mais evidente quando Plínio Salgado, depois de ter sido perseguido e preso pelo regime varguista, na fortaleza de Santa Cruz (RJ), seguiu para o exílio português em 1939, onde ficaria até 1946. À espera do integralista, estava D. Rosa Dottori Lins e Albuquerque e o seu marido, Hermes Malta Lins e Albuquerque, além de inúmeros jornalistas.<sup>58</sup> Segundo Leandro Pereira Gonçalves, no momento em que Plínio Salgado aportou em Lisboa, ele rapidamente procurou estabelecer contato com o líder português. A possível associação dos dois chefes despertou o interesse

<sup>57</sup> Ibidem, p. 211.

<sup>58</sup> SALGADO, Plínio. *Minha segunda prisão e meu exílio, seguido de diário de bordo e poema da Fortaleza de Santa Cruz*. São Paulo: Voz do Oeste, 1980, p. 111.

do governo de Salazar, e, em 17 de julho de 1939, foi levantada a ficha completa de Plínio Salgado pela Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE). Essa atitude era esperada, pois Rolão Preto havia se tornado uma das vozes mais críticas ao regime de Salazar.<sup>59</sup>

A grande semelhança de ideias existente entre os líderes chamou também a atenção da Legião Portuguesa, uma organização nacional constituída aos moldes milicianos, que realizava atividades investigativas para o Estado Novo de Salazar. Segundo Gonçalves, nos registros da Legião Portuguesa, constava que os dois intelectuais possuíam “acordos” políticos.<sup>60</sup> Em carta de 3 de setembro de 1942, por exemplo, ficava evidente a tentativa de Plínio Salgado em aumentar o contato com Rolão Preto.<sup>61</sup> A “milícia” identificou novos contatos e defendia uma atenção especial para o caso, pois uma possível aliança com Rolão Preto representaria um enorme problema, um grande perigo para a tão defendida neutralidade política de Portugal no contexto da guerra.

Além disso, é importante destacar que Plínio Salgado, em terras portuguesas, buscava reinventar sua liderança; de um lado apresentando-se como católico fervoroso, e, de outro, como crítico ferrenho ao modernismo.<sup>62</sup> Neste sentido, sua relação com setores católicos portugueses foi intensa e pode ser comprovada pelos inúmeros convites que recebia para realizar palestras e conferências. Os temas eram os mais variados, mas o elemento central de seus discursos sempre remetia à incitação de uma retomada da moral cristã, em face dos males trazidos pelo materialismo. Todos esses discursos foram publicados por editoras portuguesas com os seguintes títulos: *A aliança do sim e do não* (1943), *A mulher do século XX*, *O rei dos reis* e *Conceito cristão de democracia* (1944), *Primeiro Cristo*, *A tua cruz senhor* (1945), *A imagem daquela noite* (1946).<sup>63</sup>

Todavia, foi a publicação do livro *Vida de Jesus* (1947), pela editora Ática, que transformou Plínio Salgado em um dos escritores mais badalados em Portugal.<sup>64</sup> A obra foi impressa aos milhares de exemplares,

<sup>59</sup> GONÇALVES, Leandro. “Um Plínio Lusitano”: busca de antigos aliados e a solidariedade nazista. p. 5 Disponível em: <<http://bit.ly/1BtebwS>>. Acesso em: 21 fev. 2015.

<sup>60</sup> Ibidem, p. 6.

<sup>61</sup> Correspondência de Plínio Salgado a Rolão Preto, 3 set.1942 (APHRC/FPS-Pi 42.09.03/1).

<sup>62</sup> PARADA, Maurício. Tempo de Exílio: Plínio Salgado, religião e política. In: SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA, Maurício (orgs.). *Histórias da política autoritária: integralismos, nacional-sindicalismo – nazismo – fascismos*. Recife: EdUFRPE, 2010. p. 328.

<sup>63</sup> Ibidem, p. 330.

<sup>64</sup> SALGADO, Plínio. *A vida de Jesus*. 6 ed. Lisboa: Ática, 1947.

de edições populares até as mais luxuosas, atingindo todos os tipos de leitores e conquistando enorme prestígio entre a elite católica. Plínio Salgado esclarecia que não pretendia fazer uma obra de erudição ou de exegese, e sim, uma narrativa, um “espelho”, do sentimento mais íntimo de sua alma. Era um esforço de recomposição do ambiente humano em torno do mestre Jesus Cristo, levando em consideração a sua própria experiência no tratamento da vida espiritual dos homens.

De acordo com o Cardeal Patriarca de Lisboa, Manuel Gonçalves Cerejeira, a obra de Plínio Salgado representava uma importante contribuição para o catolicismo. O cardeal confessava que aquela era “a mais bela” vida de Jesus que já havia lido e registrava sua posição: “Tão difícil de escrever, a Vida de Jesus de Plínio Salgado é, de facto, a vida de Jesus feita com a inteligência, com a alma e com o coração todo”.<sup>65</sup> O escritor monarquista João Ameal também saudava a publicação de Plínio Salgado em terras portuguesas. O intelectual se considerava um especialista em “vidas” de Jesus, das mais antigas, como a versão de Renan, às mais recentes, como a de Papini ou de Mauriac. Contudo, afirmava que aquela, escrita por Plínio Salgado, era sem dúvida a mais importante dentre todas elas, uma vez que o autor brasileiro demonstrava total identificação com o tema e se portava como se fosse um dos “Evangelistas”.

Plínio Salgado também mantinha um amistoso contato com o círculo de antigos integralistas companheiros de Rolão Preto, Alberto de Monsaraz, Pequito Rabelo e Hipólito Raposo. Com Hipólito Raposo, por exemplo, a relação estabelecida parecia muito mais pessoal, pois era relativamente comum vê-los juntos na Igreja e em eventos públicos. A obra de Hipólito Raposo, intitulada *Dois nacionalismos: l' action française e o integralismo lusitano*, de 1929, contribuiu para que Plínio Salgado definisse, de modo mais apropriado, qual seria o peso das “origens lusitanas” da AIB. Hipólito Raposo, dentre outras questões, destacava que, antes mesmo que Maurras escrevesse as doutrinas de seu movimento, já era possível ler em *O novo príncipe*, publicado mais de meio século antes, o verdadeiro conceito de liberdade. Neste sentido, declarava que o IL, pela palavra e pela ação, se constituía no verdadeiro intérprete da realidade política portuguesa.<sup>66</sup>

Evidentemente, apesar dos vários pontos de contatos e semelhanças ideológicas entre Plínio Salgado e Rolão Preto, o que vemos com mais nitidez nessa análise transnacional é a existência de uma relação assimétrica

<sup>65</sup> CEREJEIRA, Manuel Gonçalves. In: SALGADO, Plínio. *A vida de Jesus*. 6 ed. Lisboa: Ática, 1947. p. 1.

<sup>66</sup> RAPOSO, Hipólito. *Dois nacionalismos: l' action française e o integralismo lusitano*. Lisboa: Livraria Ferin, 1929. p. 104.

entre a dupla intelectual. Enquanto o intelectual brasileiro buscava em terras portuguesas maior legitimidade, ainda que por condições políticas diversas e inevitáveis como o exílio, não podemos confirmar sequer se Rolão Preto algum dia chegou a conhecer o Brasil. Quando muito, o doutrinador português adotava uma postura de amizade e boa vontade em relação ao país considerado irmão, onde, segundo ele, se acompanhava atentamente a “marcha das coisas” que acontecia em Portugal. Sendo assim, se por um lado Plínio Salgado manifestava uma postura de admiração e buscava a qualquer custo reconhecimento intelectual, por outro, Rolão Preto parecia somente reservar um sentimento de tipo paternalista e tutelar com relação ao Brasil.

Como já foi referido, com base nessa relação luso-brasileira, desigualmente estabelecida, é possível afirmar que foi graças aos movimentos político-ideológicos criados por Plínio Salgado e Rolão Preto que ocorreram uma maior conexão e interação das ideias corporativas, como o novo projeto de Estado e a liderança personalista a ser adotada. Além disso, a AIB e o N/S apresentaram um percurso histórico bastante semelhante, que pode ser descrito em três etapas: primeiro, os movimentos apareceram num contexto social politicamente conturbado, como a principal alternativa ideológica no início dos anos de 1930; segundo, despertaram grande aceitação em setores conservadores da sociedade, como o exército e a Igreja, e, em terceiro, foram perseguidos e colocados na ilegalidade, seus chefes foram presos e logo em seguida exilados.<sup>67</sup>

Deste modo, o escritor brasileiro enxergava na intelectualidade lusitana o caminho mais curto de se atingir o auge da fama internacional, além de se sentir como parte integrante de uma suposta tradição luso-brasileira de conhecimento. Com o passar do tempo no exílio, e cada vez mais à vontade com a cultura lusitana, Plínio Salgado passou a representar uma das principais vozes da tradição católica e do comportamento moralista. Por sua vez, em nenhum momento encontramos Rolão Preto se referindo a qualquer nome de pensador brasileiro como fonte de inspiração, apesar de reconhecer que, de todas as criações portuguesas, o Brasil foi o único filho verdadeiramente espiritual. No Brasil, dizia ele, foi projetada a velha civilização lusitana. Assim, a força e a audácia puderam prosperar naquela terra virgem de possibilidades inesgotáveis. Finalmente, enquanto o brasileiro se colocava como um profundo conhecedor da alma luso-brasileira e conquistava admiração e reconhecimento em além-mar, Rolão Preto se limitava a reconhecer que o nacionalismo no Brasil, representado por Plínio Salgado, era um caso de orgulho da civilização que os portugueses implantaram por aqui.

<sup>67</sup> PINTO, op.cit., 1994, p. 143.